

MARIAS DE TODAS AS DORES: ALGUMAS DAS DIVERSAS FORMAS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO BRASIL

CAPÍTULO 1

NO ANO DE 2013 MAIS DE 4 MIL MULHERES FORAM ASSASSINADAS NO BRASIL, É UM NÚMERO 16 VEZES MAIOR QUE O DA SÍRIA CUJA GUERRA CIVIL COMPLETA CINCO ANOS, OS DADOS SÃO DO MAPA DA VIOLÊNCIA 2015. AS MULHERES SOFREM DIVERSAS FORMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL, MORAL, PATRIMONIAL, PSÍQUICA E PSICOLÓGICA CONTRA SI OU ALGUÉM PRÓXIMO DELAS . PROJETOS E LEIS FORAM CRIADOS NA TENTATIVA DE APLACAR A DOR DESSAS MULHERES, QUE AGREDIDAS E HUMILHADAS TENTAM FAZER DO LUTO A BANDEIRA DE LUTA E RESISTÊNCIA CONTRA O TRAUMA CAUSADO PELA VIOLÊNCIA. O CONVÍVIO DESSAS MULHERES COM ESSAS SITUAÇÕES DE PERDA E A DOR, É O TEMA DA REPORTAGEM ESPECIAL DA RÁDIO ROQUETTE PINTO.// CAPÍTULO 1: ESTUPRO: CRIME QUE ENVERGONHA O PAÍS.

“E aí foi onde comecei só a rezar pra ficar viva rezei vários Pai Nosso, até teve uma hora que me perguntou se estava rezando, eu disse que sim. Ele riu, meio que debochou. Aí eu só saí do mundo onde estava e só orei... pedi a Deus. Depois do fato consumado é que ele me liberou. Só orava pedia a Deus. E nisso, acho, fiquei na mão dele por uma hora e pouco.”

Voz embargada, olhos marejados, rosto eclipsado pela vergonha, medo e o trauma como se a violência se materializasse toda vez que fala sobre o assunto.// Mãos levantadas ao alto, Maria, uma moradora de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, agradece por não ter sido morta, assim como a personagem da canção que abre esta reportagem. Passados 19 anos o medo ainda povoa os pensamentos dessa mulher.// Tamanha é violência que nem o tempo tem o poder de curar essas feridas abertas de forma tão profundas.//

“Aí fica o trauma para o resto da vida. É o que eu falo: se fosse hoje em dia de repente eu não estaria viva. Porque hoje em dia na maioria dos casos não se fica viva. Tenho trauma de sair de manhã sozinha se tiver escuro ou escurecendo também não ando sozinha. Isso fica para o resto da vida.”

Estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA, divulgado em março de 2016, a partir de números do Ministério da Saúde, estima em 527 mil estupro por ano e que apenas 10% das vítimas denunciam.// Apenas no ano de 2013, no estado do Rio de acordo com o Instituto de Segurança Pública, o ISP, 4 mil 725 mulheres foram estupradas o que corresponde a 13 casos por dia ou ainda uma violência a cada duas horas.// Dois anos depois, em 2015, segundo o estudo intitulado Dossiê Mulher, do mesmo instituto, o crime de estupro continua sendo o de maior registro pelas mulheres com 83,2%, abaixo apenas da tentativa de consumação do ato com 91,3%.//

A profusão desse tipo de crime faz com que as mulheres não se sintam seguras em lugar algum, nem mesmo em instituições públicas.// Como é o caso desta outra Maria, de 19 anos, estudante de importante universidade pública do Rio de Janeiro, estuprada depois de ter sido dopada durante festa no campus.//

“Estava dopada, ele me dopou para manter relações comigo aí ele, a gente estava junto na festa. Aí eu deixei meu copo com ele, para ir ao banheiro. Daí eu lembro mais de nada, assim. Daí eu sei que ele me filmou, da primeira vez me filmou, tirou foto. Porque depois ele divulgou para os amigos dele e um desses rapazes era namorado de uma amiga minha na época. Daí chegou até a mim, porque, senão, não saberia de nada.”

Depois de tudo, o medo do agressor tomou conta da estudante, que na época cursava o terceiro ano e viu sua vida ser dilacerada, porque até hoje não consegue se relacionar com mais ninguém.///

“Eu tinha que encontrar com ele direto. Eu não denunciei porque eu tive medo de não ter provas e se voltar contra mim. Seria uma coisa que poderia atingir a minha família, também por isso eu acabei não denunciando. Ah... eu não quero ter mais nenhum relacionamento porque depois disso que aconteceu eu não andei mais com ninguém assim, de forma alguma.”

Na tentativa de se prevenir de violências e crimes como estupro dentro da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, um grupo de meninas criou um coletivo intitulado “Me liga quando chegar” um sistema de rastreamento através de telefonemas e mensagens.// O Grupo já conta com mais de duas mil estudantes, e que em muitos casos a própria instituição tenta esconder as ocorrências, é o que afirma Beatriz Coelho, uma das fundadoras.//

“O Movimento Me Liga Quando Chegar’ foi criado no início do período depois de mais um caso de ocorrência de estupro e que a faculdade tentou abafar e nós não aceitamos isso e

colocamos a boca no trombone. Daí surgiram pichações em alguns institutos o que deixou muitos alunos da faculdade revoltados, porque disseram que a gente poderia protestar, mas sem pichar o muro da faculdade, o queria dizer 'a faculdade é mais importante do que a aluna, manter a faculdade limpa é mais importante do que os casos de estupro que acontece na faculdade e ninguém diz nada', então o movimento ganhou força depois disso tudo... E tá do jeito que tá: com mais de duas mil meninas participando de comissões em audiências na ALERJ, para discutir os casos de estupro aqui na faculdade. Todos sabem, toda vez que tentamos denunciar a faculdade tenta abafar. Tentaram até, meio que persuadir, para não levar tanto em frente, um acordo para não fazer um BO (Boletim de Ocorrência) para não sujar o nome da faculdade."

A pressão parece surtir efeito, a deputada Enfermeira Rejane, presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Assembleia Legislativa do Estado Rio de Janeiro, a ALERJ, se comprometeu estudar propostas para coibir a violência contra mulheres nas universidades.//

Especialista no assunto, a professora e pesquisadora sobre violência contra a mulher da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Ludmila Fontenele, aponta a educação como uma das formas para se buscar a solução para esse tipo de violência, inserido o assunto dentro das escolas já nos primeiros anos do ensino fundamental//

"Na própria educação, quer dizer, é fundamental uma discussão sobre gênero, sobre relações que não sejam violentas onde o sexo não seja entendido como obrigação já desde o colégio"

Diante de um episódio traumático e violento como o estupro, a psicanalista a Sandra Teixeira, entende que o melhor é encarar a o futuro, tentando de tudo isso a própria fortaleza.//

"O mais importante numa situação dessa traumática, de violência e de agressão é não fingir que não aconteceu, ao contrário, é olhar para isso e procurar fazer disso uma situação para que nunca mais isso se repita na dela. Não precisa lembrar, mas não pode esquecer."

Medo, vergonha, trauma as mulheres vítimas de violência ainda têm um longo caminho a percorrer em busca do merecido respeito.

Confira no segundo capítulo da série, a violência doméstica que constrange e que mata.

CAPÍTULO 2: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA QUE CONSTRANGE E QUE MATA.

LOCUTOR : A violência doméstica contribui diretamente para que o Brasil ocupe a 5ª posição no ranking global de homicídios de mulheres, entre 83 países pesquisados.//

“Já destroncou meu braço várias vezes, ele apertava meu pescoço quando queria alguma relação eu não queria...Eu dormia como se fosse um defunto, eu me cobria toda! Quando ele chegava puxava o lençol e achava que eu tinha que ter relação com ele. Até uma vez que ele amarrava e botava meus braços para trás, para tentar ter a relação sexual que ele achava que como eu não deixava por bem, tinha que deixar por mal. Várias outras coisas que iam acontecendo que cada vez que a gente fala machuca mais a gente em lembrar. É uma coisa que fica marcada na vida da gente o resto da vida.”

O drama de mais esta Maria, de 41 anos, reflete a história de muitas outras mulheres no Brasil que por anos a fio sofrem violência dentro da suas próprias casas.// 55,3% dos crimes contra mulheres são cometidos dentro do ambiente doméstico, desses 32,2% eram parceiros ou ex-parceiros das vítimas segundo dados do Ministério da Saúde.//

“Fiz vários BOs (Boletins de Ocorrência) contra ele. Eu tenho vários. Xerox, originais, tenho tudo guardado e nada adiantou. Nada, nada. Às vezes eu falo que a Justiça é até cega porque para alguns dá certo, para outros não.”

O estudo intitulado “Homicídios de Mulheres no Brasil” divulgado pelo Mapa da Violência 2015, feito pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), a pedido da ONU Mulheres, identificou que o Brasil ocupa a 5ª posição no ranking global de homicídios de mulheres, entre 83 países pesquisados.// Em 2013, a taxa de mortes de mulheres por assassinato para cada cem mil habitantes foi de 4,8 casos.// Já, a média mundial foi de dois.// Foram 4.762 mulheres mortas violentamente no país naquele ano, o que corresponde a 13 vítimas fatais todos os dias.// Para a pesquisadora da UFRJ, Ludmila Fontenele, a violência dentro das casas é uma realidade, e como agravante ainda há uma dificuldade de entendimento das pessoas que denunciam na sua maioria, apenas quando o crime é cometido por estranho.//

“Essa dificuldade de as pessoas perceberem o estupro numa relação íntima faz com que elas não procurem ajuda e não denuncie o agressor numa delegacia. Então, acaba que no serviço de saúde e nas próprias delegacias a procura maior é quando a violência sexual é perpetrada por um estranho. Estranho que pode até esta próximo das relações ou não.”

Muitas são as explicações sobre os diversos tipos de violência que acomete as mulheres no Brasil.// Na realidade, isso não é um fato novo.// Para Lelete Couto, coordenadora especial de promoção das políticas de igualdade racial, instituição ligada à Prefeitura do Rio de Janeiro, a questão remonta ao próprio modo como a mulher é encarada ainda hoje e faz uma reflexão histórica sobre o assunto citando o poeta e cantor Jonh Lennon .//

“A mulher é o negro do mundo, mas a mulher negra é mais sofrida ainda. Se a gente fala ‘o negro, né, ele usa esse termo o negro é a mulher do mundo como sofrimento, a mulher negra sofre duas vezes mais. Porque no período da escravatura, ela é vista como coisa, como qualquer negro. Ela é vendida, vista como objeto servil, que serve à sociedade. E ela vem nesse período de 128 anos, no seu processo de conquistas, de inclusão na sociedade (...), mas ela ainda é vista como coisa. Mesmo que seja no momento em que ela é posta num lugar de beleza. A mulata, ela é coisa! Ela também é usada como uma beleza estética da mulher gostosa, mas é coisa também!, então quando percebemos que essa visão, essa forma de ver a mulher ela é tratada como nada, algo que não importa então é a primeira a sofrer a violência doméstica, a perda de seus filhos. É a primeira a sofrer com esse racismo coletivo da sociedade brasileira.”

Os números da pesquisa não desmentem os argumentos de Lelete Couto, já que no período houve aumento de 54% de assassinatos de mulheres negras, contra um recuo de 9,8 por cento de mulheres brancas.//

Instituições como a Ordem dos Advogados do Brasil, através da Comissão de Direitos Humanos também recebe e orienta mulheres vítimas, porque, de acordo com o presidente da comissão, Marcelo Chalrreu, seção Rio de Janeiro, a violência contra a mulher é uma realidade que não escolhe classe nem idade.//

“Temos também nossa Comissão que trabalha de uma maneira mais larga atendendo todo tipo de violência contra as mulheres. É difícil precisar o tamanho disso, violências acontecem desde a mulher criança, a mulher jovem, adolescente, desde a mulher grávida, a mulher que mora em comunidade.”

Parte vulnerável da sociedade, ela é exposta às intempéries do meio onde vivem.//São afetadas de forma direta quando se tornam vítimas e números estatísticos.// Em 2015, a presidente Dilma Rousseff sancionou a lei que torna hediondo o crime de feminicídio, na tentativa de aprimorar uma das falhas mais criticadas por estudiosos nos dez anos da lei Maria da Penha: fazer funcionar o mecanismo de proteção física que a lei sempre exigiu.// Porém, nesses dez anos, houve grandes avanços: o número 1.8.0 registrou quatro milhões e 500 mil ligações um aumento de 86% nas denúncias feitas por amigos, vizinhos e familiares.//

“Sempre são lembranças que machucam, porque deixa marcas às vezes uma torção, dor no braço. Deixa muita marca na gente: é muito doído.”

No terceiro episódio da Reportagem Especial a dor e o drama da mãe que perde seu filho assassinado.

CAPÍTULO 3

LOCUTOR: Mãe, armas e dor: a luta para manter a memória de um filho assassinado.

“Sinto muito a falta dele. Quando dá a hora dos coleguinhos dele sair da escola, nossa, muito triste. Mataram ele ali na esquina, aonde aquele ali tá. Meu filho morreu não sei né por quê. Ele era muito bonzinho. Ele morreu de bucha (sem dever nada, por engano). O cara veio matar o colega dele correu e o cara deu um monte de tiro no meu filho. Eu estava em casa vendo televisão, aí ouvi o barulho do tiro, mas para mim era fogos, porque tinha um menino que soltava fogos aqui todos os dias. Eu não acreditei virei de costa e continuei vendo televisão. Eu acho que ele está viajando. De vez em quando dá tristeza, né! É horrível. A ferida ainda está aberta. Sinto muito a falta dele.”

O relato desta Maria, uma mãe de 38 anos, moradora de um município da Baixada Fluminense, que teve o filho de 17 anos assassinado por disparos de armas de fogo a poucos metros de sua casa, soma-se a diversos outros relatos espalhados por todo o país. // Com medo, vive à base de remédios, e não consegue ter esperança de que a justiça vá alcançar os autores dos disparos.// a constatação fica mais evidente devido a baixa taxa de elucidação de homicídios no Brasil, informações dos Conselhos nacionais de Justiça e do Ministério Público mostra que a taxa 2013 foi de apenas de 5%, se comparada com a do Reino Unido, o contraste é ainda mais gritante, com seus 85% de elucidação// No estado do Rio, segundo dados do ISP de 2014, o número chega a 20, 5%.

A freira Yolanda Florentino, por 18 anos trabalhou em países como Nicarágua e El Salvador, na América Central, além de lugares conflituosos pela questão de terra, como o estado do Pará, é agora titular do Centro dos Direitos Humanos da Diocese de Nova Iguaçu, diz que o medo faz com que as pessoas não participem de ações contra a violência e nem testemunhem, o que torna ainda mais difícil chegar aos verdadeiros culpados.

“Junto com a Defensoria Pública e alguns promotores dos municípios da Baixada estão preocupados exatamente com isso. O problema da impunidade é que nos processos as pessoas não se animam a testemunharem, então, isso faz com que os acusados de delitos sejam soltos por falta de testemunhas. Porque a principal prova é

a testemunhal. Se a população não se anima, isso contribui para a impunidade. O povo tem muito medo de participar ou de fazer outro tipo de iniciativa que a gente promove.”

Assassinatos por armas de fogo é uma triste realidade.//No Brasil, 51% das pessoas tiveram a própria família ou conhecem alguém que já foi ameaçado, ferido ou morto por armas de fogo.// Desse total, 60% dos brasileiros afirmaram estarem preocupados de se tornarem vítimas da violência armada, os dados são da Campanha de Controle de Armas, instituição que reúne cem ONGs de várias parte do mundo.// Para o pesquisador do Laboratório de Análise da Violência da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Inácio Cano, a arma é empunhada como instrumento de força e poder e por isso fascina principalmente jovens e adolescentes e que, ironicamente, acabam sendo as principais vítimas. //

“A maior parte dos homicídios no Brasil são cometidos por armas de fogo. Estamos falando de 70 a 80 por cento ou até mais. A arma de fogo é o grande vetor da violência no País.// Arma é um símbolo de poder, não tem dúvida, é um símbolo de masculinidade em algumas áreas. Os garotos de muitas comunidades carentes passeiam com arma de fogo e se ganha o respeito, na verdade, o medo das outras pessoas. Então, é importante trabalhar a fiscalização por um lado, mas também, a educação por outro para que esses jovens compreendam que a arma de fogo, na verdade, vai encurtar a vida deles. Não vai dar nada e vai tirar em última instância a vida deles mais cedo do que deveria.”

Ainda de acordo com o pesquisador, se não fosse o Estatuto do Desarmamento vigente há 12 anos os números seriam ainda chocantes.// Isso porque mais de 76% dos homicídios ocorridos no país em 2014 foram em decorrência do uso de arma de fogo.// Foram 44.861 mortes, isso equivale a 122 mortos todos os dias de acordo com o Atlas da Violência 2016 divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o IPEA, com esses números o Brasil registra 10% dos homicídios do mundo todo.// Já o Mapa da Violência 2015, intitulado “Mortes Matadas Por Armas de Fogo”, com dados referentes a 2012, aponta que foram mais de 42 mil mortes.// Deste total, quase 25 mil eram de jovens na faixa 15 a 29 anos, o equivalente a 59 por cento.// Para Lelete Couto, coordenadora do CEPPIR, se já não bastasse a dor da violência social contra si, a mulher ainda sofre com a dor da violência contra seus filhos.//

“Além de sofrer a violência social, elas sofrem também com a violência através de seus filhos. O que acontece com seus filhos no dia a dia. Tantos meninos que são mortos, tantos meninos que estão aí. Hoje nós temos um quadro que esta cada vez se elevando mais. São 77 meninos que morrem por dia e cada vez aumentando mais esse número no Brasil.”

De acordo com o mesmo estudo de 1980 a 2012, foram mais 880 mil mortes por armas de fogo no Brasil.// Destas, mais de 747 mil foram assassinadas, aumento de 556,6% no período, o que corresponde mais que o dobro da população de um país como Islândia com 407 mil habitantes.// Resta para estas mães a dupla punição: além de terem seus filhos mortos por ações de grupos de extermínios ou tráfico são pressionadas, pelo medo, a se calarem comprimindo ainda mais a dor dentro de si.//

CAPÍTULO 4- A DOR DE MÃES QUE TIVERAM FILHOS DESAPARECIDOS

LOCUTORA: APESAR DE NÃO EXISTIR UMA ESTATÍSTICA MUNDIAL COMPLETA SOBRE O NÚMERO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DESAPARECIDOS, ESTIMA-SE QUE, NO MUNDO, SEJAM 1 MILHÃO 200 MIL.//

“Eu tenho uma filha desaparecida, a minha filha se chama Fabiana Renata, ela desapareceu no dia 12/ 11/1992.”

Talvez o mais perto que se tenha conseguido representar a dor e o amor de uma mãe esteja materializada na escultura renascentista intitulada Pietá de Florença, de Michelangelo. // Mais uma Maria, cuja filha se tornou estatística encalacrada na ineficiência estatal quando o tema é o desaparecimento de crianças e adolescentes.// Para quem milita a causa, o assunto é encarado com descaso.//De acordo com Vera Lúcia Ranú, fundadora ONG Mães em Luta, de São Paulo, o governo federal poderia trabalhar melhor o tema, já que tem uma ótima ferramenta, porém subutilizada.//

“A situação no Brasil desde o dia em a gente começou discutir isso ela não melhorou em nada. Hoje se fala aí de 50 mil crianças e adolescentes por ano, mas a gente não tem uma base legal para fazer essa contagem são dados supostos por órgãos do governo, porque um cadastro nacional eficiente nós não temos. Temos um Cadastro Nacional, mas se perceber tem apenas 300 ou 400 crianças. Porquê disso? Porque não é uma coisa que as pessoas vêm com responsabilidade. O alimento do CN ficou para ser pela Infoseg e alimentado pelas delegacias e eles alegam que não tem funcionários para fazer esse trabalho. É um trabalho, uma ferramenta útil que se tornou inútil porque não tem nos ajudado.”

Não existe uma estatística mundial completa sobre o número de crianças e adolescentes desaparecidos, mas estima-se que, no mundo, sejam 1 milhão 200 mil.// E no Brasil, de acordo com especialistas, os números são defasados.//Uma Comissão Parlamentar de Inquérito, CPI, foi criada para investigar as causas mas apenas dos anos entre 2005 e 2007, a suspeita principal era de tráfico humano, mas nada conclusivo.// Em 2010 foi lançado Cadastro nacional, Ligado à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República e que ganhou nova roupagem em 2013, no entanto, até hoje, tem um número muito pequeno de registrados.// A questão, é que, para muitos que trabalham com o tema, há recebido pouca atenção do poder público com assunto.//

Um dos principais dramas para essas mulheres, é que o apoio, mesmo da família, parece ter algo próximo como uma data de validade.//

“Às vezes tem o companheiro que não é tão companheiro assim, entendeu?, o companheiro dificilmente caminha lado a lado nessa busca, então ela fica mais sozinha ainda porque os familiares acompanham os primeiros momentos, mas depois cada um vai viver sua vida e ter o direito de falar e contar sua história muitas vezes fica guardado para ela.”

A cada toque do telefone da ONG Mães em Luta, de São Paulo, reacende a esperança de ser uma informação sobre alguém desaparecido, Anderson pereira é voluntário da ONG e relata que é alto o grau de sucesso.//

“Sempre é denúncia anônima, né! Quando alguém vê uma pessoa parecida com a da foto da pessoa que a gente indica. O pessoal liga para cá agente pega o carro nosso e vai verificar. Achando a pessoa, ligamos para a família. Se não for fazemos o mesmo processo. Sendo a pessoa, dizemos que a família esta a sua procura e entregamos a pessoa. Geralmente 80 por cento é”

Diferentemente de outras dores resta apenas as mães e familiares de desaparecidos lembranças de como eram, o quê gostavam de fazer, vestir e comer.

“Uma sepultura, uma lágrima sem sepultura. A gente não tem nem uma sepultura para chorar pelos nossos filhos, porque um filho quando sai de casa levado por Deus a gente ainda passa o tempo acaba se conformando guarda boas lembranças , agora, no nosso caso não, nós não temos o direito nem de um túmulo para chorar. Não sabemos nada. O Estado não diz nada. Então, a gente somente a sobreviver tentando continuar, dar continuidade com o nosso dever de pai, de mãe de vida, até. Mas no fundo, no fundo aquele que falta tá sempre ali, presente. Então a gente passa a sobreviver. A gente não vive mais. Porque nos falta um. Não importa quantos tenham. Sempre vai faltar aquele. Em todos os momentos a dor é imensa. É uma ferida que sangra o dia inteiro.”

A essas pessoas restaram apenas serem catalogadas na categoria de desaparecidos.

Locutor: No quinto e último capítulo da série, mulheres que apesar de tudo conseguiram transformar a dor do luto em luta para ajudar outras mulheres.//

CAPÍTULO 5

LOCUTORA: NO QUINTO E ÚLTIMO CAPÍTULO, VAMOS CONHECER UM POUCO DAS MULHERES QUE APESAR DE TUDO CONSEGUIRAM TRANSFORMAR A DOR DO LUTO EM LUTA PARA AJUDAR OUTRAS MULHERES.//

“Foi um acidente de helicóptero morreram sete pessoas, ela ficou dois dias no fundo do mar. Eu comecei esse trabalho pra ajudar outras mães que passaram pela mesma situação de perda.”

“Porque quando você perde os pais você fica órfão, quando perde o marido você fica viúva... quando perde um filho, para isso não há nome” .// Com esse lema e a dor de perder uma filha de 20 anos, Márcia Noieto fundou o “Instituto Mães Sem Nome” com o objetivo de orientar outras mulheres que passam pelo mesmo drama.//

“Esse Instituto tem como objetivo principal acolher mães que perderam filhos. Nós temos toda terça-feira, em Botafogo, de três às cinco e meia da tarde um grupo de apoio mútuo onde nós gratuitamente recebemos essas mães, acolhemos essas mães e acreditamos que é nessa troca e experiência que apoia-las e acolhe-las. As mães vão lá, conversam e nessa troca elas conseguem se reerguer. Tenho visto trabalhos com mulheres que estavam inteiramente destroçadas, tentando suicídio porque tinham perdido seus filhos as vezes assassinados. Então é um espaço que está aberto e qualquer pessoa pode ir.”

E explica que o instituto vai ao encontro dessas mulheres//

“Eu me envolvi com as mães de realengo, aquelas mães que tiveram 12 crianças assassinadas. A gente vai aonde as mães estão. Naquele deslizamento de terra em Friburgo? A gente estava lá! Eu tenho caso de desaparecimento, a mãe de Vitor Belford, por exemplo que teve a Priscila desaparecida há mais de onze anos.”

Impulsionada pelo desaparecimento de uma filha e pelo descaso dos governos com o tema sobre pessoas desaparecidas, Vera Lúcia Ranú fundou a ONG Mães em Luta, em São Paulo, após encontro com outras mães na cidade Rio de Janeiro.//

“De 95 para 96, eu já militava solitariamente com desaparecidos mas não tinha nenhum conhecimento disso foi quando fui convidada a participar da novela ‘Explode Coração’, da Glória Perez, que debatia o tema, pela primeira vez o tema de crianças e adolescentes desaparecidos. Eu convidada a participar de uma gravação na Cinelândia, e aí fiquei horrorizada de ver a dimensão da situação, entendeu?, eu não tinha conhecimento e pensava- acho que sou só eu e que poderia ter havido um acidente ou um crime. Mas quando eu vi várias mães e de vários estados contando histórias

diferentes e o quanto elas eram sozinhas nessa luta e o quanto o Estado as tornavam invisíveis nessa luta eu comecei a militar. Voltei para São Paulo. Me juntei a uma outra mãe e fundamos o movimento que deu visibilidade enorme no país.”

A ONG atende todo tipo de mulheres vítimas, não apenas as que tiveram filhos desaparecidos .

“A gente procura ajudar ela um pouco mais no encaminhamento familiar. Ou seja, um acompanhamento pessoal para ela. A gente a orienta com nosso assistente social. Passa ela no nosso psicólogo, para que ela se fortaleça um pouquinho para enfrentar toda essa jornada que não é fácil. Porque a família começa a achar que ela já tá chata, que uma hora vai aparecer, que tudo que ela tinha que fazer já fez e que tem que entregar na mão de Deus, mas para gente que é mãe isso não é suficiente. Lógico que a gente tem fé em Deus, mas tem que ir para luta, tem que encontrar, tem que cobrar, temos de buscar uma solução.”

Mães de Acari, Mães da Praça de Maio, Mães da Sé, Mães Sem Nomes, Mães Em Luta, simplesmente mães que muitas vezes como resposta aos traumas vivido pela violência, decidem ficar de pé e ter o nobre gesto de estender as mãos aos que se sentem mais fragilizados.

COM SONORIZAÇÃO DE MARCO RIBAS, DO RIO DE JANEIRO, CLAUDIO COSTA ROSA PARA A RÁDIO ROQUETTE PINTO

Matéria 1 -

<https://www.mixcloud.com/PaineldaManh%C3%A3/r%C3%A1diodocument%C3%A1rio-maria-de-todas-as-dores-1/>

Matéria 2 -

<https://www.mixcloud.com/PaineldaManh%C3%A3/r%C3%A1diodocument%C3%A1rio-maria-de-todas-as-dores-2/>

Matéria 3 -

<https://www.mixcloud.com/PaineldaManh%C3%A3/r%C3%A1diodocument%C3%A1rio-maria-de-todas-as-dores-3/>

Matéria 4 -

<https://www.mixcloud.com/PaineldaManh%C3%A3/r%C3%A1diodocument%C3%A1rio-maria-de-todas-as-dores-4/>

Matéria 5 -

<https://www.mixcloud.com/PaineldaManh%C3%A3/r%C3%A1diodocument%C3%A1rio-maria-de-todas-as-dores-5/>

<http://radios.ebc.com.br/ecos-da-terra-genero-e-sustentabilidade/edicao/2016-08/violencia-contra-a-mulher-o-luto-e-a-luta-das-vitimas>